

Naia Alban Suarez

Volumes Modernos X Fachadas Contemporâneas

Resumo

Os novos loteamentos projetados em Salvador dentro de uma concepção urbana moderna quase sempre exploram a estrutura orgânica em seus acessos para a divisão da unidade lote como unidades independentes desvinculadas do contexto urbano, perdendo, desta maneira, a hierarquia urbana. Assim, com a perda deste significado, todas as construções se transformam em protótipos de monumentos individualizados sem um entorno que o afirme como tal.

Em um primeiro momento, a proposta moderna construída transforma a unidade edificada em imagem percebida individualmente que apesar de não levar em conta seu entorno - o ambiente urbano construído -, propõe fachadas que deixam de ser planos para conformar um todo volumétrico, ocupando o espaço urbano como unidades independentes, blocos soltos dos limites do lote.

Como é que o pensamento moderno foi absorvido pelos arquitetos baianos nestas construções verticalizadas e qual a imagem urbana criada? Quais as relações espaciais urbanas herdadas e como foram incorporadas as posturas modernas? Como evoluíram os conceitos da arquitetura vertical para o momento contemporâneo?

O edifício contemporâneo cria uma outra relação com o espaço urbano, não mais a proposta pelo moderno. Apesar de ganhar uma escala metropolitana de conjunto, recupera a relação com o terreno ao priorizar uma fachada, a principal. Mesmo tendo que alçar a cabeça para cima, a aparência de seu conteúdo continua se retratando em sua fachada para a rua, fachada que representa e se apresenta para a sua comercialização.

Texto Principal

Os novos loteamentos projetados em Salvador dentro de uma concepção urbana moderna quase sempre exploram a estrutura orgânica em seus acessos para a divisão da unidade lote. Nos bairros residenciais, o lote, que até os anos 50 era de 360 m² e direcionado para o consumo da família média como lote unifamiliar, viu-se multiplicado por duas ou três vezes, para se transformar em parcela ideal da moradia multidomiciliar, ou seja, a edificação verticalizada. Em

ambas situações trata-se de construções concebidas como unidades independentes desvinculadas do contexto urbano. Com isso deixa de existir hierarquia nas construções. Assim, com a perda deste significado, todas as construções se transformam em protótipos de monumentos individualizados sem um entorno que o afirme como tal.

Entretanto, antes de tratar sobre o tema específico dos volumes modernos, centrando-se especificamente nos residenciais, gostaria de fazer algumas reflexões que se mantêm em nossa realidade de periferia da periferia. Como país jovem, temos em nossa herança construída o marco da arquitetura moderna como pensamento. E dentro dele a corrente racionalista que ao se confundir com o funcionalismo parte da premissa de que a forma é um resultado da função: programa, dimensionamento, materiais industrializados. Um racionalismo arquitetônico que se fundamenta no mito de uma sociedade científica e racionalmente ordenada, e que tem admiração pela tecnologia.

Uma arquitetura interpretada como a solução para programas de atividades, como um somatório de instalações, como uma composição de medidas em planta baixa; arquitetura concebida a partir de uma proposta *standard*; uma arquitetura preparada artificialmente em laboratório sem conexões com a realidade e a história, sem intuição e improvisação; uma proposta apenas sistemática de cálculos precisos, dentro de uma tecnologia e estética importada.

Assim, antecedendo à proposta moderna, o edifício residencial soteropolitano surge como residências superpostas sem uma estrutura construtiva racionalizada, sem funcionalidade em suas plantas, porém com uma fachada que está propondo incorporar elementos com conteúdo mais atualizado para diferenciar-se de toda uma herança colonial. Neste momento de transição a uma real verticalização, testes tecnológicos estão sendo feitos pelos construtores locais nos bairros periféricos, como possibilidade de renda para seus proprietários. Proprietários aristocráticos decadentes, cidadãos cultos dispostos a recuperar o *status* baiano no ambiente nacional, proprietários de uma classe em ascensão, - migrantes, funcionários públicos - que vêm na moradia uma possibilidade de renda.

Neste recorte temporal os apartamentos apresentam como solução de fachada balcões contínuos, que marcam horizontalmente todo o volume. Herdeira da varanda que circulava toda a residência, este elemento, mais do que ser espaço para estar nele, por sua largura reduzida de apenas 1 metro, serve para o instante de olhar a rua, mas também serve como elemento de sombreamento das fachadas e proteção das chuvas. Entretanto, como contínuo, devassa os vários cômodos da casa. Neste sentido, tendeu ao desaparecimento, como elemento contínuo, transformando-se em varanda social, íntima ou varanda de serviço, - independentes. Edifícios pensados e construídos para aluguel. Destacando-se o Ed. Gordilho (Walter Gordilho/1939), que como proposta de um engenheiro-arquiteto, marca uma diferenciação em sua planta, ésta com espaços mais racionalizados e minimizados.

Momento de transição da relação rentista do espaço residencial para uma relação especulativa do imóvel urbano, que teve como marco de mudança, o Ed. Oceania (Freire & Sodré 1938/44). Uma estética que buscará o que há de mais contemporâneo na época, uma estética seca e horizontal, vinha da expressão formal alemã trazida pelos técnicos alemães que permeavam as filiais das grandes construtoras internacionais no Brasil.

Aliado a esta estética será o Código de Obras quem estará ditando as dimensões mínimas para os espaços de acordo com suas funções, como os vãos mínimos de abertura, incorporando as prevenções de segurança, como recuos e afastamentos, índices e coeficientes urbanos, influenciando diretamente na distribuição em planta, como na situação do edifício no lote.

Quanto aos acessos, seguindo a estrutura unifamiliar herdada, os edifícios de apartamentos mantiveram em seu programa a completa segregação dos espaços de circulação - social e serviço - tanto de acesso ao andar quanto ao próprio edifício como um todo. Elevador como acesso social com sua escada, depois sem ela, escada como acesso de serviço, com entradas ao nível térreo bem diferenciadas, como ocorre nos edifícios Brasil e Maysa (Eng. Luís Arantes/1947-49).

Esta preocupação com acessos diferenciados se justifica através do baixo valor atribuído ao serviço doméstico, e a disponibilidade do empregado dormir no local de trabalho, dando uma assistência de 24 horas ao dia, é que vai justificar a importância dada a uma habitação especial, afastada do setor íntimo da casa, próxima à zona de serviços. Também por motivo da segregação de seus moradores é que os edifícios surgem, todos eles com dois sanitários, um social e outro de serviço. O Ed. Oceania fará uma tentativa de estruturar, isolados da unidade habitacional, as dependências de empregados na cobertura. Talvez por uma referência à nossa herança cultural quando as escravas juntamente com a cozinha eram colocadas no desvão dos telhados; talvez por uma intenção mas moderna de reconhecimento de individualidades, mas, fato é que esta segregação proposta de pouco envolvimento entre as partes com o passar do tempo se mostrou pouco eficiente. Entender a construção de um edifício como o Oceania na Salvador dos anos 38-44 é compreender que toda a cidade ambicionava por hitos que resgatassem o prestígio e *status* perdidos, transformando Salvador em cidade moderna.

O Oceania com sua inovadora proposta de um edifício misto quanto ao uso, faz com que o edifício crie uma base destinada a comércio, fazendo com que a parte residencial se desenvolva a partir do quarto andar. Entretanto um edifício pensado não como volume independente de seus limites. Até hoje o Oceania espera que o seu vizinho venha a complementar sua medianeira. A mudança na lei de Uso do Solo fará com que esta fachada se sacralize como as demais na imagem urbana da cidade.

Dentro da proposta do movimento moderno, estas mesmas fachadas deixariam de ser planos para conformar um todo construído - volume - , pois já não está ancorado a outros edifícios, ocupando seu espaço como unidade independente, bloco solto dos limites do lote, pousado no terreno, tectônico.

Assim, soltar o edifício do solo e de seus limites foi o passo seguinte, dentro de uma nítida intenção de tratar o edifício como um todo independente de sua relação com o terreno na arquitetura vertical residencial baiana. A opção pelo vazio no nível térreo, se oficializa com a chegada do modelo moderno, década de 50-60, o conquistado *play-ground*. Cria-se o vazio da estrutura com seus pilotis, para que as relações sociais dos moradores tenham espaço para acontecer. Momento da estruturação dos condomínios e da parcela ideal de propriedade. Momento da estruturação da profissão de arquiteto.

Esta será uma fase rica em experimentação tanto na tipologia da planta quanto em seus sistemas estruturais. Uma busca que pretende a racionalização da nova unidade edificada com uma forte relação entre suas fachadas, relacionando-se com o espaço urbano como volume construído. Este volume foi pensado para ser trabalhado como monumento e responder aos fatores climáticos de nossa realidade de quente úmido, onde ventilação e solejamento são fundamentais para um bem estar tropical. Põe-se em manifesto a relação entre estrutura / função dentro de uma independência com o espaço urbano em sua expressão volumétrica.

No interior do apartamento se afirma: o espaço "living", como soma do estar (sala de visitas) e da sala de jantar; a varanda surge como filtro climático em sua face poente unindo o setor social com o íntimo, como no caso do Comendador Uripia (Diôgenes Rebouças/1957) e o Mariglória (Antônio Rebouças/1953-54) entre outros. De um modo geral elimina-se o vestíbulo, passando a função de filtro da intimidade a ser absorvida pelo espaço comunal, o *hall* de chegada, seja ele social, seja ele de serviço.

Para lograr esta separação dos acessos aos apartamentos é que se manterá os dois elevadores, um social, outro de serviço, em *halls* diferenciados, onde a escada serve apenas ao hall de serviço. Uma situação onde a única ligação possível entre os mesmos é o próprio apartamento. O Ed. Mariglória será um dos primeiros a propor uma relação social com a escada retirando-a do *hall* de serviço, talvez por um ganho formal para sua expressão volumétrica, os dois grandes cilindros de sua fachada norte. Já o Ed. Manuel Victorino (Bina Fonyat/58), vai propor uma relação entre todos os acessos verticais - social e serviço.

Quanto ao quarto de empregada, passa a ser denominado em planta como depósito, porque seu diminuído tamanho proposto não era permitido pelo código de obras vigente, como no Uripia e no Mariglória. Os sanitários continuam em proporção de dois por apartamento, geralmente independente da quantidade de quartos.

Esta arquitetura, apesar do conhecimento teórico de seu fundamento moderno, desconhece a tecnologia que a produz. Assim a preocupação com a aparência moderna é seu grande orientador. Estrutura que por sua estética sugere sua modernidade apesar de também sugerir o desconhecimento da tecnologia que lhe dá suporte. Um cálculo estrutural guiado pela intuição muito mais que por conhecimento tecnológico. O edifício Uripia com sua floresta de pilares em "V", é um grande exemplo para compreender a importância do valor estético moderno, valor a

cima de qualquer racionalidade. Época rica em experiência com novos materiais construtivos industrializados, que estruturam fachadas como proposta plástica pela otimização dos elementos de fechamento, pensados a partir da orientação e realidade climática, fachadas que se relacionam em uma intenção volumétrica.

Apesar deste entendimento temporal da produção arquitetônica baiana, vemos que existem exemplos que além de possuir características de vários momentos, podem estar fora desta estrutura proposta. Vemos a influência do pensamento moderno da Escola de Arquitetura da Bahia na reprodução do modelo proposto por várias gerações de arquitetos. Toda uma pequena produção de arquitetos da década de 60 à 80, fortemente consolidada no ideário da arquitetura moderna estará propondo uma arquitetura herdeira destes conceitos, atualizados pelas pressões de mercado. Temos arquitetos contemporâneos que continuaram insistindo em edifícios concebidos como volumes urbanos, a exemplo: Assis Reis e Fernando Peixoto, que produzem os edifícios mais referenciais em Salvador apesar da grande diferença conceitual entre eles. Assis Reis está propondo volumetrias reais, Solar das Mangueiras, Solar Itagira ao passo que Peixoto quase sempre propõe uma volumetria ilusória que surge através da cor em suas duras fachada prismáticas, Ed. Caravelas.

Com o tempo, cada vez mais a aparência vai roubando espaço da funcionalidade, como da evidência estrutural de seus volumes, se justificando nas novas tecnologias. A força da aparência vai tender a prevalecer em seu contato com o público. Surgiram os casos que aparentam ser modernas, em contraponto com a realidade de suas fachadas de serviço.¹

No Terceiro momento, o contemporâneo, vemos que à diferença dos anteriores, herdeiros dos modernos, os edifícios tendem a uma postura de recuperar a relação de fachada principal com o espaço urbano, e sofisticar os acabamentos em detrimento das qualidades espaciais. Apesar da pouca variação da distribuição em planta, ocorre a minimização dos espaços privados em prol dos espaços comunitários, onde a presença de uma especulação imobiliária mas agressiva por conta de uma relação frontal com a economia mundial, passa a ser seu mais forte aliado.

Deste modo, observa-se que cada vez mais os edifícios residenciais contemporâneos, tendem a uma volta à relação com o lote em consequência de sua relação com o espaço urbano. Destrói-se o volume em detrimento de enfatizar uma fachada principal voltada para a rua, fachada que receberá um revestimento nobre diferenciado, sendo as demais fachadas formadas de planos chapados, pintadas e com pequenas aberturas, muitas vezes chamadas de fachadas de serviço.

O pé direito duplo do *play-ground* dá uma nova dimensão à base do edifício que passa a ter um valor não mais de simples acesso aos apartamento, mas de ser a sala de visita de seus moradores. Local onde se celebrarão as festas, onde se dividiria uma estrutura de piscina com espaços de sauna como salas de ginástica. Filtro para a intimidade - apartamentos -, agora cada vez mais minimizado. Curioso perceber que nenhum destes edifícios estará propondo a

lavanderia como área comunitária. A nova dimensão e função atribuída ao *play-ground* farão com que de fato se consolide uma base diferente do corpo dos andares de apartamentos.

Quanto ao quarto de empregadas, Na década de 80, por motivo da minimização da área útil dos apartamentos, surge a realidade dos quartos de empregada reversível e muito recentemente, a Proposta do Plano 100, retira-se definitivamente o quarto de empregada, e cria-se no *play-ground* espaço comunitário de vestiários e de sanitários de serviço. Uma proposta que demonstra uma maior consciência dos empregados, como uma vontade de estar a sós, em seus cubículos, dos moradores.

Quanto ao acesso, mesmo quando os apartamentos tiveram a área útil reduzida, criando apenas um *hall* de chegada ao apartamento do mesmo andar, continua-se abrindo duas portas de entrada para cada residência, portas em geral de qualidade e acabamento diferenciado. Duas entradas que definem acessos diferenciados entre os residentes da mesma casa. Atualmente, apesar da diferenciação denominadora dos elevadores – social e serviço – eles juntamente com a escada (hoje construída com ante-câmara por imposição da legislação de segurança contra-incêndio) são as três possibilidades de acesso vertical aos *halls* unificados dos apartamentos, apesar de se manterem as duas entradas. Nos edifícios mais luxuosos criaram-se divisórias com portas para a separação dos dois *halls*, que apesar de contínuos possuem acabamentos diferenciados. Também nesses vemos o aumento do número de sanitários, que tende a uma proporção de 1 sanitário para cada quarto. Claro que sanitários bem reduzidos (média de 2,50 m²). Mais uma vez vemos que continuamos investindo na privacidade. Desta vez, a favor de um costume bem brasileiro, o dá limpeza pessoal.

Conclusão

Penso na visão de cidade proporcionada pela abertura dos vales, seus fundos de quintal. No que se refere à nova imagem dos loteamentos urbanos criados, apesar destes edifícios estarem isolados dos limites do lote, e de existir uma relação de paralelismo com os lados do mesmo por seguirem os recuos exigidos pelas normativas, o resultado, entretanto, da massa urbana construída constitui uma aparência desordenada, uma vez que a estrutura urbana sobre a qual se implantam as edificações não se conforma em uma base geométrica - malha quadricular -, mas sim em uma base orgânica que segue as curvas de nível da topografia existente. Configuração que se generaliza em quase todos os loteamentos de Salvador, a exceção do Parque Nossa Senhora da Luz -Pituba- e Amaralina, ambos em suas partes oceânicas.

O conjunto urbano, constituído não de volumes, mas de prismas com fachadas de identificação, configura uma série de construções em altura onde cada fachada principal está voltada para um lado aparentemente aleatório. Lado que não surge de uma base quadrada, e sim em uma base curvilínea criando infinitas angulações, pela estruturação orgânica de cidade, de

posicionamento dos prismas multidomiciliares com suas fachadas principais. Desaparece a relação de conforto enquanto orientação do volume. Enfatiza-se a relação com a rua enquanto fachada principal.

As construções verticais dentro de uma lógica de volume espacial que ultrapassa a dimensão da rua onde se situa, deveriam, como raros exemplos dentro do próprio espaço urbano soteropolitano, ter uma expressão que transbordasse de sua fachada principal para desenhar um monolítico identificável conforme proposta modernista já experimentada. Entretanto estes exemplos são raros, muitos forçados por sua situação específica -caso da grande fachada para a Baía de Todos os Santos. A edificação segue ancorada na sua relação com o terreno, relação herdada barroca como fachada de aparências.

H. Wolfflin, ao se referir à relação entre a massa inteira e a forma que existe no barroco detalha que: "o estilo evita mostrar os ângulos das construções, e somente conhece fachadas, e, ainda assim, as partes laterais dessas fachadas permanecem sem acentuação: toda força e toda riqueza são projetadas para o centro. O estilo alcança uma intensificação muito eficaz do motivo, quando torna o detalhe decorativo grande demais para o espaço, deixando transpor sobre a moldura."²

Assim, sob a influência da tecnologia contemporânea, os edifícios se verticalizam e criam uma outra relação com o espaço urbano, ao fazer uma apropriação anedótica ao barroco. A relação da verticalização transpõe a escala humana e ganha uma escala metropolitana de conjunto, no entanto a relação com o terreno, com a rua ainda se reproduz, uma vez que, mesmo tendo que alçar a cabeça para cima, a aparência de seu conteúdo continua se limitando à sua "fachada principal", fachada para a rua, fachada que representa e se apresenta para a comercialização do mesmo.

Esquecendo os ensinamentos modernos e isolados, dentro da concepção higiênica de ser, estes edifícios se contrapõem aos vazios urbanos por não criar uma relação de tensão entre seus volumes, não conformando ambiência. Espaços que com a soma de suas construções não compõem espaço público, não criam uma imagem urbana. São apenas construções que se afirmam enquanto unidade isolada do conjunto cidade, dentro da própria monumentalidade do edifício enquanto fachada. Perda da qualidade de habitabilidade em suas unidades habitacionais.

Endereço

End. Residencial: Rua da Mouraria, 43

Centro - Salvador - Bahia

cep: 40.040-090

tel: (071) 322 3478

C: (071) 926 9307

e-mail: mocanaia@svn.com.br

Local de Trabalho:

Escritório de Arquitetura

Rua Gregório de Matos, 15/102

Pelourinho – Salvador

Cep: 40025-100

Tel: (071) 322-5125

Mestrado em Arquitetura e Urbanismo

Faculdade de Arquitetura

Universidade Federal da Bahia

Rua Caetano Moura, 121

40 210-350 Salvador - Bahia

tel/fax:(071) 247-3803

Notas

- ¹ Janice Theodoro em *América barroca*. São Paulo: Nova Fronteira, 1992; conclui que a modernidade foi negada pela América por sua postura barroca de ser. Uma maneira de ser mais bem pictórica e de aparências do que rigorosa enquanto realidade de fato.
- ² Cf. Heinrich Wofflin. *Renascença e barroco*. São Paulo: Perspectiva, 1989, p.131.